

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

LOUIS RHEAD

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
 Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
 Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
 Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-
 mania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia
 e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—
 Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
 PARIS.—334, Rue St. Honoré.
 LONDON W.—10, Wigmore Street.

* **Lambertini** *

REPRESENTANTE —
 — e Unico depositario

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

PRAÇA DOS RESTAURADORES

Empreza

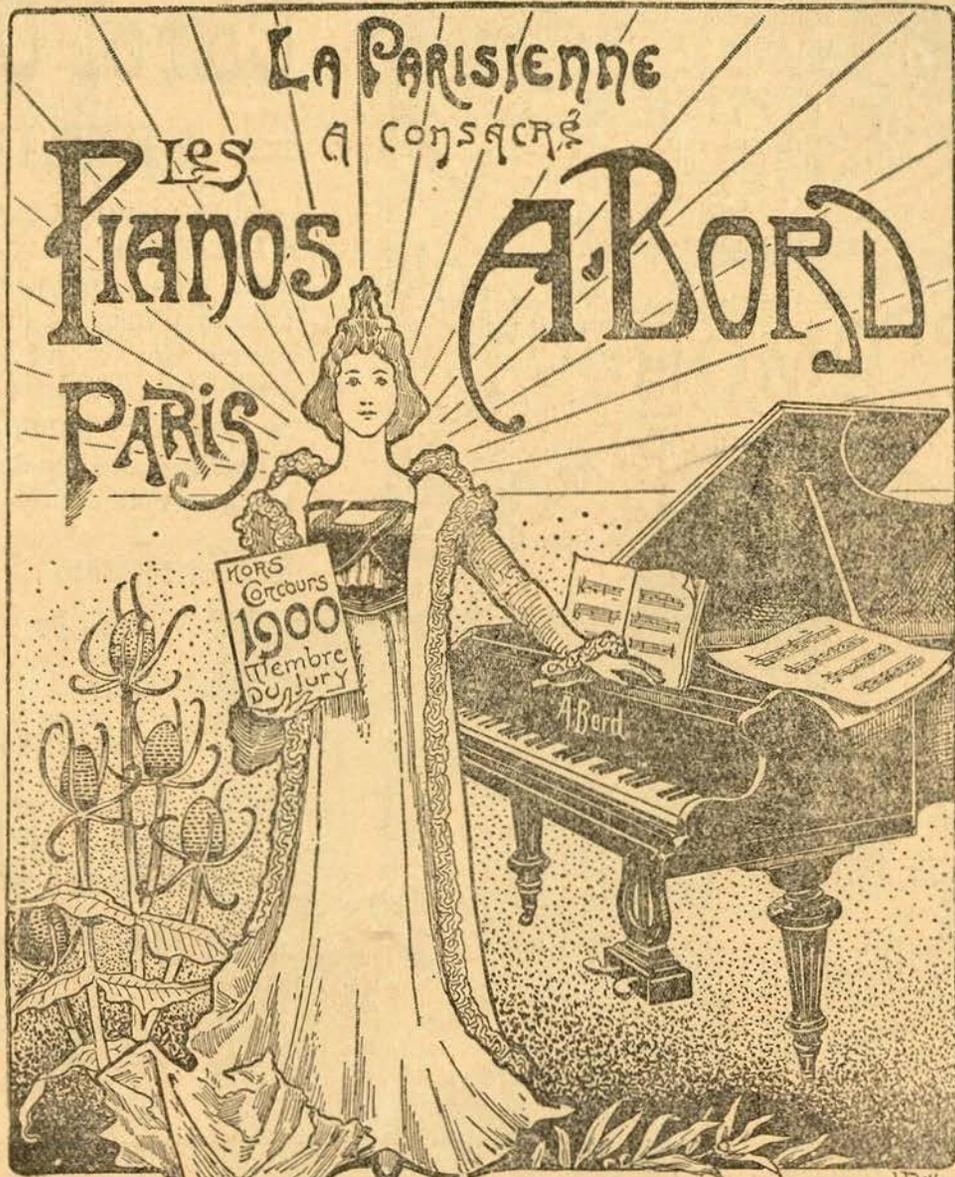
Mobilisadora

Miguel Ferreira

FORNECE a prompto, a prestações e por
 aluguer tudo quanto é preciso para
 guarnecer uma modesta habitação ou o
 mais luxuoso palacio.

Preços e prestações resumidos

256, 258
 — RUA DA PALMA —
 260 e 260 A
 Lisboa



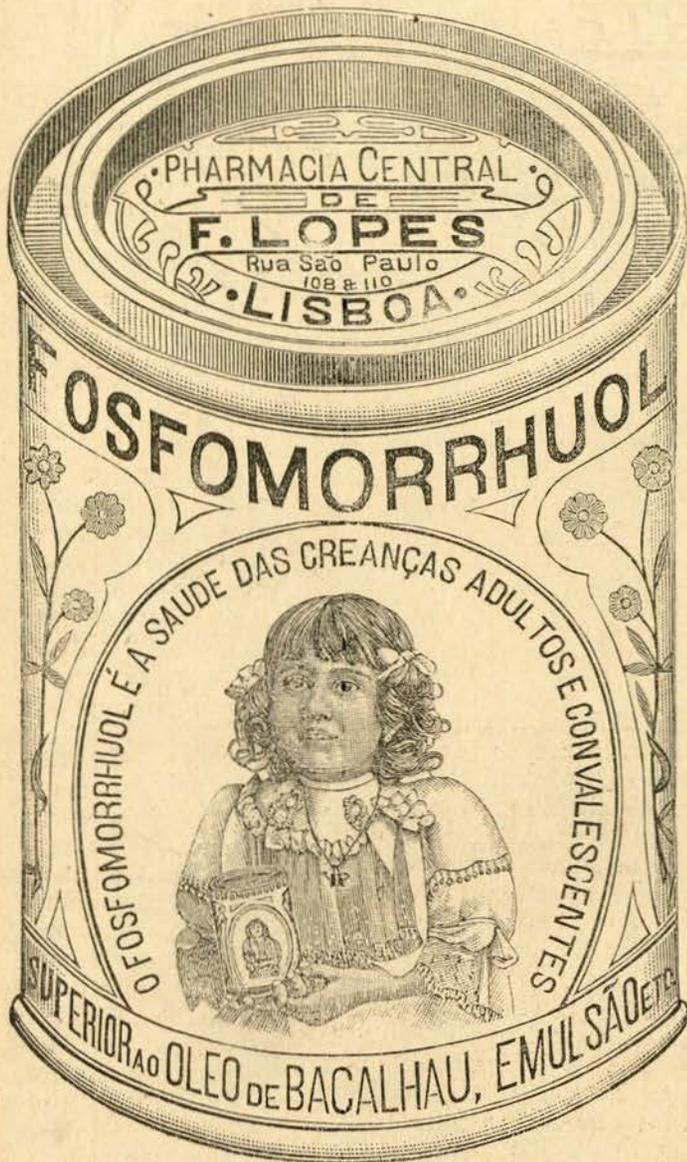
14^{bis} BOUL^e POISSONNIERE ^{J. Faite}

Commendador da ordem de Christó (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje	120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours



Carol Otto

== BERLIM ==

Os pianos de **Carol Otto** são à cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante ==

== Boa sonoridade

Afinação segura ==

== Construção solida

Carol Otto

== BERLIM ==



Grillo & Sá

DEPOSITO PHOTOGRAPHICO

== Rua Nova do Almada

Variadissimo sortimento de **Machinas photographicas**, objectivas, chapas, películas, papeis sensibilizados, accessorios e productos chimicos das melhores marcas.— **Ultimos modelos de machinas da Casa Kodak**.— Grande variedade de photographias para photominiatura.



A. D'ABREU ==

Joalheria e Ourivesaria

SEMPRE NOVIDADES

57 - Rua do Ouro - 59

== LISBOA





REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE
Proprietario e director
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Arthur Coquard.—O Hymno e a Bandeira da Republica.—Os musicos nacionaes e a arte musical.—Notas vagas.—Carta das Caldas.—Noticiario.

Arthur Coquard

(Rectificação)

Uma deploravel distração fez com que no numero anterior se publicasse, a par de umas notas biographicas referentes ao distincto artista e critico musical francez ha pouco fallecido, o retrato de um outro personagem, o conde de San Martino e Valperga, que está felizmente vivo e havia de ser apresentado aos nossos leitores em um dos proximos numeros.

Poucos leitores temos em França, onde Coquard era tão conhecido e estimado; mas esses poucos não deixaram certamente de sorrir ao ver a physionomia com que impensadamente mascaramos o nosso biographado.

O conde de San Martino é tambem uma personalidade de summa dintincção, mas n'outra esphera inteiramente diversa.

Presidente do Conservatorio de Santa Cecilia, em Roma, presidente da Sociedade

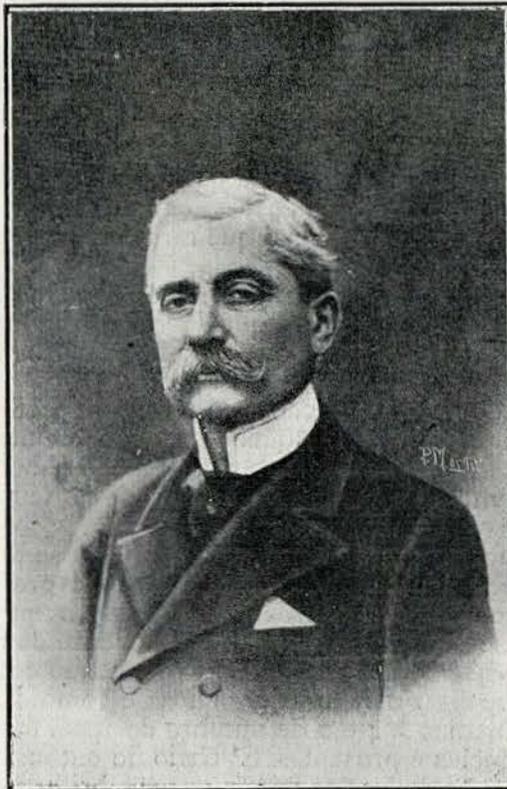
italiana de Bellas Artes e presidente do grande *comité* promotor das festas commemorativas de 1911, é n'esta ultima qualidade que lhe reservávamos uma pagina d'esta revista, quando houvessemos de falar com mais largueza no brilhante certamen que se prepara na historica cidade,

para consagrar a proclamação da unidade italiana.

Bem merecida era a homenagem, porque o conde de San Martino, além de distincto pianista, consagrou-se, quando conselheiro communal (vereador), a muitas e interessantes questões artisticas, reorganizando a banda communal, formando uma orchestra, etc. Foi tambem presidente do *trust* theatral italo-argentino.

Pertence este illustre fidalgo-amador a uma nobre familia do Piemonte, sendo, como *gentleman* e homem do mundo, singularmente apreciado em todos os centros artisticos e mundanos da Europa.

Ahi fica pois uma summaria apresentação do conde de San Martino e o *verdadeiro* retrato de Ar-



ARTHUR COQUARD

thur Coquard. Desculpem os nossos amaveis leitores o involuntario erro.

O Hymno e a Bandeira da Republica Portugueza

Sendo necessario substituir sem demora o velho symbolismo da heraldica monarchica por outro que melhor se adapte á feição do novo regime, surgem naturalmente duas perguntas de ordem artistica :

— qual será o hymno a pôr no lugar do hymno da carta ?

— qual a nova bandeira que ha-de succeder á bandeira constitucional das quinas sobre campo azul e branco ?

Discutem-se estes dois casos, ou melhor resolvem-se em cavaqueiras desapaixonadas, por varias formas mais ou menos justificadas que se me afiguram pouco felizes. Julgo-me pois com o dever, que assiste a todo o cidadão portuguez, de propôr uma solução para cada um dos casos e talvez até com o direito que todo o critico de arte, ou todo o artista adquire em virtude das suas congeminencias. Aqui estou pois a formular os meus alvitreos.

I. O Hymno

Ha quem deseje *A Portugueza*. Outros quereriam *A Marselheza*. Poucos finalmente opinam que se ponha a concurso a feitura do novo hymno. Ora vejamos.

O *Hymno da Carta* não é, sem duvida alguma, uma obra famosa. Especie de *passo dobrado*, nada cantavel, sem elevação alguma, elle tem comtudo character marcial, brilhante, festivo e rijamente rythmado. Mas nem com um *Acto adicional* que lhe corrija a harmonia de que lamentavelmente o vestem, esse hymno deixaria mais saudades entre nós do que nos vae deixar a *Carta* cujo symbolismo musical elle monopolisara por mais de tres quartos de seculo. E todavia exprime a energia mascula que o seu auctor teve de empregar para impôr o regime constitucional no nosso paiz. Encarado sob este aspecto, elle será sempre um documento respeitavel e estimavel.

A Portugueza surgiu em 1890, por occasião do *ultimatum*, penso eu. Foi estirada á força, por quem não entendera o que havia a symbolisar ahi, num estilo a que os francezes dão o nome de *filandreux*. Falta-lhe espontaneidade, brilho, character, forma, alegria. O povo gosta d'ella, talvez por se parecer com as melodias populares estiradas com voz esganada e acompanhamento de guitarra, a que está habituado. O *hymno*, como toda a composição artistica de pequenas dimensões, carece, para apparecer e conseguir impôr-se, de um momento psicologico especial que raras vezes se dá. E com a *Portugueza* tal não se deu.

Quem nos diz que se dará actualmente, se se abrir o citado concurso ?

Para *A Marselheza*, mais do que para qualquer outro hymno, produziu se esse instante raro e excepcionalmente vibrante que gera o symbolo maximo de inteira e justa expressão. Mas, embora a obra libertadora da França se tenha convertido em patrimonio do universo, o seu hymno, *A Marselheza*, como obra d'arte profundamente sentida que é, tem o cunho nacionalista inconfundivel, é uma obra eminentemente franceza, inadaptavel fóra do respectivo meio. Ouvindo-a, pensamos apenas no paiz que a gerou e na *Grande Revolução* que ella tão symbolicamente synthetisa. — Não temos o mais leve direito de a adoptar.

E entretanto, em Portugal, um momento houve em que se produziu um bello hymno, genuinamente portuguez pelo seu character musical e pela expressão que contém. É o da *Maria da Fonte* que, creio bem, seria desde 1846 o nosso hymno nacional se a intervenção estrangeira não tivesse suffocado o notavel movimento de revolta contra o governo oppressor de D. Maria II. Esse hymno é alegre, vivo, ingenuo como a alma do nobre povo que nós acabamos de vêr realisar mais uma grandiosa e commovente façanha. É heroico á maneira dos heroes dos dias 3, 4 e 5 de outubro de 1910, heroicidade jovial e descuidada, desprendida de jactancias e prosapias. É cheio do entusiasmo que animou os nossos admiraveis populares e soldados em tantas paginas brilhantes da nossa historia continental e colonial, e que acaba de produzir, sem illusão possivel, a implantação do novo regime.

Porque não adoptar pois *A Maria da Fonte*, accrescendo ainda que pagariamos uma divida em aberto para com os heroicos revoltados de 1846, cujas nobres aspirações o exercito de Concha inutilisou por tantos annos ?

Eis a solução que proponho para o primeiro caso. E estou em dizer que, aberto o concurso, nenhum outro hymno apparecerá que valha o da *Patuleia*, até porque difficilmente se faria acceitar se divergisse muito do character dos nossos hymnos e porque, dentro d'esse character, mais difficilmente ainda se encontraria um novo aspecto que conseguisse impôr-se.

E porque não experimentá-lo, fazendo-o executar pelas bandas marciaes? Assim melhor se julgaria do seu effeito sobre o povo que é o juiz supremo nestes casos.

Bem menos guerreiro é o *Hymno de Riego*, e no entanto elle é uma expressão nacionalista de indiscutível valor, que se mantem por isso mesmo que traduz um nobre sentimento de emancipação mental e politica.

II. A Bandeira

Se ha um *som* nacional, ou um agrupamento de sons com character nacionalista, o mesmo succede com a *côr*, ou com o agrupamento das cores de uma bandeira.

O tricolor francez é profundamente diverso do tricolor italiano: a *côr azul* vae tão bem é energia guerreira do character francez, como a *verde* ao genio italiano, em cuja bandeira esta substitue aquella. O *amarello* e o *encarnado* vivos dão irreductivelmente a nota rude espanhola, em qualquer sitio que o vejamos. Junte-se o *preto* ao *amarello* e logo nos apparece bem sensível a dureza teutonica. A meu vêr, não é arbitrariamente que as nações escolheram as côres das suas bandeiras, nem as cambiantes dessas côres.

Ha annos contava-me um joalheiro que mandára para Londres e Paris, afim de ahi ser executado ao mesmo tempo, o desenho de uma *vitrina*, sem comtudo indicar a *côr* a applicar na armação de madeira. A *vitrina* franceza veio pintada de preto, a ingleza dourada. O mesmo succede com as côres empregadas em qualquer dos varios casos da vida; cada nação tem a sua polychromia differencial e characteristica que, sendo producto do seu modo de sentir, se prende a ella inevitavelmente.

Para que é substituir o nosso grupo *azul e branco* pelo grupo bicolor *verde e encarnado*? O grupo tricolor francez foi usado pela 1.^a republica e pelo 1.^o imperio, por Luiz Philippe, pela 2.^a republica e pelo 2.^o imperio, como o é hoje pela 3.^a republica; porque já não poude ser substituido desde que em 1830, logo após a Restauração, de novo o arvoraram. Seria um crime nacional inesthetico uma tal substituição. Porque não proceder egualmente com o nosso grupo bicolor azul e branco, applicando-o a todas as modalidades representativas da nossa governação?

Eu não sei se alguém deixou apagar-se-lhe da memoria a impressão de funda alegria que sentiamos quando — no estrangeiro — surgia a nossa bandeira azul e branca por entre todas as bandeiras das outras nações. Quem a conservar bem viva reconhecera que essa bandeira tem o justo *tom* do nosso character, das nossas almas portuguezas, do nosso ceu, do nosso modo de ser, da nossa poesia e da nossa musica popular.

O *verde e o encarnado* pertencem a almas muito differentes da nossa e com as quaes não podemos confundir-nos.

Mas ha mais. Porque abandonar o escudo das quinas e a sua cinta de historicos castellos? Que tem isso que ver com as nossas dynastias de reis? Esse escudo é um symbolo nacional, portuguez, da nação, da nossa historia e não é propriedade exclusiva de ninguém. Surgiu na imaginação do povo em epocas de grande exaltação patriótica, pertence-nos a todos e não devemos, nem podemos convertê-lo em apanagio de reis. Uma tal concepção, salvo erro, mais parece de character monarchico, suppondo o rei, por direito divino, dono de nós todos e de todo o Portugal, a ponto de a nação não o poder conter. Attribuir a sua propriedade á instituição monarchica é malbaratear um formoso symbolo da mais elevada heraldica nacional e só, ignorando-se a historia, se póde cahir num tal equivoco. Não é joio que se deva joeirar numa liquidação social bem feita; é do que melhor se encontra na herança que os nossos antepassados nos legaram.

Surge agora a bandeira verde e encarnada tendo ao centro, não o escudo das quinas e castellos mas um globo terrestre de fortes dimensões; e dir-se-hia que não ha maneira de a evitar. Julgo lamentavel, se assim succede. Porque nenhuma outra bandeira conheço que mais nobres e mais antigas tradições historicas reuna no seu campo, que mais portugueza consiga ser pela *côr* do que a bandeira azul e branca das quinas e sua cercadura de castellos. E as tradições não devem ser esquecidas e muito menos condemnadas; ellas são a expressão esthetica dos nossos mais valentes e nobres esforços. Quanto ao globo terrestre não vejo bem porque adoptá-lo. E' certo que fomos os primeiros a dar a volta

ao mundo. Mas o Brazil já poz esse symbolo na sua bandeira e toda a gente sabe que foram os portuguezes que o descobriram e geraram. Não vejo pois necessidade de o dizer mais uma vez.

Por isso a solução que eu proporia para este caso seria que se conservasse o grupo bicolor azul e branco; que se pozessem a meio do panno, bem grandes, e a azul ferrete ou a vermelho, as letras **R. P.** e que junto á haste, na parte superior da metade azul, se colloque o escudo d'armas portuguez, mas coroado de um diadema de castellos, ou de outros quaesquer elementos decorativos que porventura melhor se cazem com o caracter do escudo.

*

* *

E toque-se *A Maria da Fonte*, desfraldando a bandeira que proponho, e ver-se-ha como tudo fica bem portuguez.

ANTONIO ARROYO.

P. S. Já depois de composto este artigo tenho, com o maior prazer, lido nos jornaes de Lisboa e Porto varias propostas relativas á *Bandeira Portuguesa*. São ellas de «Um patriota» no *Primeiro de Janeiro*, do sr. Alfredo Cardoso Brandão no *Seculo*, e dos srs. major Santos Ferreira e capitão de mar e guerra Henrique Lopes de Mendonça no *Diario de Noticias*.

Além destas, consta-me que mais de um artista anda estudando propostas assentes em criterios diversos, e que o Governo provisorio resolveu nomear, ou nomeou já uma comissão de artistas encarregada de dar o seu parecer sobre o assumpto. Ainda bem que assim succede.

Occorre-me porém fazer uma pergunta: Não seria igualmente util que se nomeasse uma comissão para se occupar do *hymno nacional*?

Julgo intimamente ligados um ao outro os dois assumptos e parece-me que deveriam ser resolvidos pela mesma occasião.

A. A.

OS MUSICOS NACIONAES E A ARTE NACIONAL

III

Antes de proseguir convem archivar a realisação de duas previsões feitas n'estes artigos. A primeira, em pag. 189, foi que «o empresario Santos, que tudo deve ao publico portuguez, não poderia logicamente fechar as portas, negar o amparo e discutir migalhas com o musico portuguez.» E assim foi. No fim de setembro accitou as propostas da Associação dos musicos, de modo que a orchestra do Colyseu ficou toda composta de artistas portuguezes. Muito bem!

Esperamos que os empresarios Taveira e Anahory cheguem em breve a accordo com a mesma Sociedade.

A segunda previsão, no fim da mesma pagina, foi «que o movimento evolucionista, que hoje está attrahindo e concentrando cada classe em torno dos interesses communs, se transformaria em breve em agitação revolucionaria, mal todas as classes se

convencessem de que o governo era o agente das empresas capitalistas na desnacionalisação do paiz».

A revolução de 3 a 5 do corrente e a proclamação da Republica em 5, confirmaram esta previsão, para honra da gente portugueza e para maior gloria e felicidade da nossa patria infeliz. Confiamos de que sob o novo regimen a Arte e os artistas sejam considerados como devem, para termo fatal d'um preconceito, que um ministro tão estúpido quanto mau exprimia pittorescamente da seguinte forma na sua lingua de cafre:

«Portugal não prechisa de Musica, prechisa de dinheiro!»

Reatêmos o fio.

Dissemos que os musicos portuguezes tinham de formar uma *orchestra symphonica*, «não só para termo d'esta falta, que é uma vergonha para Lisboa, mas tambem e muito especialmente para alicerce da nova existencia da Associação, para prova real do seu valor de artistas e para justificação iniludível do seu direito e das suas reclamações.» E louvámol-os pela iniciativa de que

os jornaes fallaram, dando o nosso apoio incondicional a este esforço colectivo.

Entendamo-nos porém, já que este apoio incondicional não póde ser para a formação d'uma orchestra de qui-qui-ri-qui, que nos venha impingir musica de cá cá-ra-cá, sob um regente có-có-ró-có.

De fórma nenhuma: queremos uma orchestra que se imponha sob um regente que se imponha a ella e ao publico: ella, mostrando logo aos primeiros compassos que toca firme, convicta e unida; elle, revelando pela sua calma, pelo pegar na batuta e pelo manejo d'ella, que está perfeitamente no seu lugar, não como um cocheiro atirando chicotadas aos musicos, não como um simples batedor de compasso, *Maria indo com as outras*, mas como um ser magnetico que toque aquelle formidavel instrumento á sua vontade, sob a sua suggestão directa, exprimindo a partitura como um artista que a sentiu e sabe de cór, não como um curioso que está aprendendo como ella é á força de a tocar e repetir!

Isso não, porque representa uma perda de tempo criminosa, visto que a Associação o não deve perder e o publico tambem não quer esperar. O tempo das tentativas já passou, tanto mais que os musicos de Lisboa já aprenderam a unir-se, sob o poderoso espirito d'organisação de Lambertini. Agora mostrem que sabem tocar... o que já em parte estudaram.

Dois casos se pódem dar na constituição das orchestras — ou o grupo dos musicos se impõe ao regente pela sua união, competencia e autoridade adquirida, sendo então regida *pro forma*; ou o regente se impõe aos musicos pela sua auctoridade conhecida como musico e chefe d'orchestra ou pelo seu magnetismo pessoal ou por ambos os motivos.

O primeiro caso deu-se em Washington com a orchestra de Reginald De Koven; o segundo aconteceu entre nós com Barbieri que disciplinou com a sua autoridade os nossos musicos; o terceiro succedeu com Blanch, que tem um poderoso magnetismo pessoal; o quarto vimol o aqui com as orchestras estrangeiras apresentadas no theatro D. Amelia.

Estas condições aggravam-se com a responsabilidade de tocar *musica symphonica*, um pouco mais difficil do que a musica de egreja de Casimiro e dos seus successores e plagiarios...

Quem é o regente da nova orchestra? A imprensa não o disse e nós não o sabemos. Um nome, e um nome de um grande portuguez, se impõe logo — Francisco de Lacer-

da, o braço direito e o substituto habitual de Vincent d'Indy, na celebre *Schola Cantorum* de Paris. De Paris!...

O distincto *chef d'orchestre* abandonou porem aquella capital, onde tinha muito trabalho, muitas honras e poucos lucros; dirigiu e educou varias orchestras na França e está agora na Suissa exercendo com applauso eguaes funcções em Montreux.

Claro está que não temos procuração d'elle para o recommendarmos, nem d'isso carecemos, porque o seu nome se impõe de preferencia a qualquer estrangeiro, pouco superior a elle, *embora celebre*. Vamos sublinhando...

Outro nome apparece agora entre reclames pompçosos — David de Sousa, como Lacerda pensionista do Estado no estrangeiro, e ao que parece, com tirocinio d'orchestras symphonicas e compositor de musica d'orchestra.

Mais? De nenhum portuguez sabemos, dos novos, com nome feito como regente. Dos velhos, uns estão velhos demais ou cançados e desilludidos; outros, que em moços revelaram certas aptidões estragaram-se a reger musica ordinaria, perdendo o cuvido e a memoria para a trama symphonica. De mais, não faltam ahi batedores de compasso.

Tal é a situação actual quanto aos regentes de orchestra, que são além d'isto d'uma espantosa ignorancia da litteratura musical e do movimento musical moderno. Facilmente o provaremos, se a isso formos obrigados.

Na falta d'estes portuguezes teremos, necessariamente, de recorrer a estrangeiros.

E' vergonha? Não é. Vergonha é não saber e não estudar, e não querer nem estudar nem saber, pondo um talento facil ao serviço d'uma vaidade sem limites.

Já os tivemos cá demais a mais, a Barbiéri, Rudorff e Colonne se bem nos lembramos. Aproveitámos, mas desaprendemos, porque não tivemos espirito de sequencia e porque os nossos musicos se dividiram, sendo quasi impossivel reunil-os em orchestra.

Liquidada assim rapidamente a situação, quanto ao caso *do regente se impor á orchestra*, passemos, tambem rapidamente, a estudar o caso opposto, *da orchestra se impôr ao chefe*.

Nas circumstancias actuaes, ainda apoz o milagre, que fez Lambertini, de reunir os musicos, este caso não póde dar-se. Os artistas logo se dividiram, cada qual por sua panellinha; deram a custo alguns concertos e voltaram á antiga, espalhados pelos seus sextettos e obrigados a tocar musica ao pa-

ladar do publico anodyno que frequenta os cafés, os animatographos e os casinos.

Não podem pois ter, ainda quando se reu- nam, a autoridade d'uma orchestra batida em musica d'orchestra, quanto mais em musica symphonica!... E ainda quando a tivessem, não seria d'admirar que o regente a modificasse, como succedeu em 1904 á orchestra d'Albert Hall, sob a energica ba- tuta de Henry Wood, o Nikisch inglez.

E' pois necessario — a bem da propria causa, porque não visamos a outro fim — que se reu- nam todos os musicos de Lisboa, formem ou reformem a sua Associação para este destino symphonico e façam ba- lanço das suas forças para organização per- feita dos naipes orchestraes. Haja patriotis- mo, haja desinteresse, haja elevação, e tudo irá bem.

Primeiros violinos alguns ha bons ; solis- tas tambem os temos. Segundos violinos, ha ; violas, poucas, solistas nenhum ; vio- loncellos poucos, solistas dois talvez. Con- tra-baixos temos, assim como flautas, pa- lhetas e metaes, em que estamos bem.

A fraqueza está portanto no quartetto de cordas, que precisa não só completado mas melhorado. A Associação deve porém sabel-o melhor do que nós.

O ponto capital está no desinteresse de cada um, não só empregando algumas horas nos ensaios e *no estudo da sua parte* mas tambem limitando-se á sua especialidade e contentando-se com o seu lugar. Nem to- dos podem ser primeiros trompas ou pri- meiros violinos, concertino ou não.

O grande Joachim nunca se importou de tocar partes secundarias...

Póde isto fazer-se? Póde e deve, senão fica a classe desacreditada.

Bem sei que são os proprios artistas que duvidam do exito, mas tambem é certo que o melhor meio de fazer as coisas é *principiar fazendo-as*. Um por um chegue- se para a orchestra e teremos uma orches- tra, symphonica ou não.

Senão, continuaremos com a antiga vergo- nha de não haver orchestra formada na capital portugueza.

Ha porém duas objecções — os musicos que faltam e a protecção do publico e do Estado. Facilmente se lhes responde.

Os musicos que faltam podem substitui- los por amadores, que os temos habilitados e sempre lesto na faina orchestral.

Quanto ao publico estamos certos de que não faltará, mal verifique no primeiro ensaio publico *antes da assinatura*, que a orchestra sabe o que faz e o regente sabe o que dirige.

O Estado não faltará decerto, quasi que

o garantimos, com o auxilio official, assim como a Camara de Lisboa, porque um e outro sabem que na Arte está um factor poderoso da Civilisação e o auxiliar mais fecundo da sociabilidade humana.

(Continúa)

CARLOS DE MELLO.



Cartas a uma Senhora

148.^a

De Lisboa

Dir-se-ia que na minha carta anterior passára um leve sopro de profetismo.

Que mutação á vista, realisada no espaço e no tempo, desde que as brisas do Douro lhe levaram essas atabalhoadas palavras!

Momentos de sonho vividos em horas de horriveis pesadelos, e cortando a escuridão com a arroxeadá luz d'uma aurora, arre- messam-nos emfim para a fulgurante reali- dade dos dias presentes...

Estivemos escrevendo historia, e da mais bella, e da mais epica, e da mais assombro- sa que um povo poderia visionar.

Ah ! querida amiga como eu me orgulho e desvanço agora do meu optimismo, e que enternecida saudação de amor elevo do mais fundo d'alma a este povo portugês tão maltratado por nós e por estranhos, tão desconhecido dos seus fementidos pas- tores e dos seus pretensos dirigentes !

Aviltado aqui e lá fóra, tratado de cara- lha ignara, de multidão selvagem, ei-lo que se levanta a toda a altura da sua antiga personalidade historica e desenterra da noite das idades a fina flôr heroica das suas lendarias e luminosas tradições, tecidas de cavalheirismo e de gloria, de valentia e de arrojo !

Bem sei que haverá lagrimas em muitos olhos e fome em muitos lares ; que a mal- dita sementeira de odios feita inconsciente mas porfiadamente por algumas centenas de miseraveis creaturas, de pequenino ani- mo e enviezado cerebro, deu agora — mal de nós — a sua fatal colheita, empapando em sangue pedaços sagrados da sagrada

terra da patria, onde só deveriam germinar affectos e florir sorrisos ! Bem sei.

Mas que quer ? — as revoluções, brutalidades do Progresso, como as proclamou algures o super-humano e inesquecível Hugo, nem sempre se fazem cantando só, e quasi nunca deixam de exigir um longo e doloroso esforço, lugubrememente assinalado com o ceifar de vidas e o derruir de esperanças . . .

Do alto o mesmo sol tranquillo illumina os que triumpham e os que decáem, envolvendo no seu amplexo d'ouro os corpos de quantos succumbem n'um e n'outro campo, como que a ensinar-nos, em versiculos de luz, a doutrina amoravel da piedade e do respeito que a todos elles devemos.

Possa a clara manhã que rompe cheia de generosas promessas e de fecundas aspirações ser igualmente benigna aos que, occasionaes inimigos de hontem, sobrevivem hoje para a paz, para o trabalho, para a concordia.

«O pouco que está feito parece nada, quando, olhando para diante, vemos o muito que falta ainda a fazer.»

Com uma ligeira alteração n'este dizer de Goethe, pois esse *pouco* foi muito, visto que tantos covaes se abriram e tantas bocas se fecharam, o que na realidade falta vem a ser tudo, pois tudo ha a fazer n'este Portugal que herdámos onde, pelo que acaba de verificar-se, uma coisa unica se não perdêra: a tenacidade audaz dos seus filhos, cuja alma nos appareceu temperada com o aço de todas as virtudes civicas e pessoas, que individualmente nobilitam um povo e collectivamente engrandecem uma nação.

O subtil politico que se chamou Lord Beaconsfield na politica e Benjamim Disraeli na litteratura, observou uma vez que a liberdade que nas mãos dos francezes era ás vezes um brinquedo nas dos inglezes se convertia sempre n'uma ferramenta.

Saibamos nós, os portuguezes d'estes dias, extrahir d'essas palavras a porção de verdade que ellas encerram, e procuremos achar a forma expressiva e typica de conciliar as duas contrarias, fazendo que a liberdade, para nós de novo conquistada agora por um punhado de combatentes, em cujos peitos a grandeza se fundiu com a simplicidade e a valentia não atabafou a ternura, — ao mesmo tempo seja em nossas mãos um brinquedo pela graça e pela leveza, uma ferramenta pelo objectivo e pela utilidade.

Haveria, (haverá ainda ?) por ahi quem infamemente appellasse, na derradeira das

baixesas, para a ignominia d'uma administração estrangeira? pois saibamos nós os que ficámos — quer os vencidos quer os vencedores — irmanados já no divino culto de um Portugal novo, elevar o espirito tão alto e dilatar o coração tão longe, que d'aqui em diante uma era de alegria e de fé, de progresso e de estudo, de entusiasmo e de amor, principie solidarizando as almas e acordando as vontades.

E o seu sexo, querida amiga, venha ajudar-nos n'esta crusada suprema, unguindo-nos com o seu olhar, fortalecendo-nos com o seu influxo.

AFFONSO VARGAS.



Meu caro amigo Lambertini.

Embora esteja quasi na vespera da minha partida para Lisboa, não quero deixar estas thermas, sem lhe dizer ao correr da penna o que foram as Caldas sob o ponto de vista artistico.

O meu amigo, sabe melhor do que eu, que especie de arte se cultiva por esses pontos d'aguas de Portugal. Se não fossem os amadores, estavamos servidos! Por isso, no verão de norte a sul por essas thermas e praias, a série de concertos não tem fim e quando entramos na nossa casa de Lisboa sentimos um grande allivio e os nossos ouvidos começam a sentir-se bem, depois d'uma estação calmosa *tão musical* !

Como sempre as Caldas são um ponto de reunião esplendido, por isso a vida aqui é infelizmente uma pagina da vida lisbonense e digo *infelizmente* porque entendo, quem vem para o campo é para descansar, passar durante um mez ou dois uma vida tranquilla, e não pensar em *toilettes* e outros ridiculos do nosso meio social.

Este anno no theatro *Pinheiro Chagas*, as recitas da companhia dirigida pela talentosa actriz Lucinda Simões, chamaram grande concorrencia sendo em todas as recitas muito applaudida, assim como Christiano de Sousa, um artista fino em scena.

Tambem o *Sindicato de Iniciativa das Caldas* organisou um concerto por amadores. Não direi nomes; n'estes casos manda a delicadeza passarmos uma esponja por que

a arte apanhou muitos empurrões. A concorrência foi diminuta.

Tambem o nosso conhecido artista Rey Colaço veio dar um recital de piano, com uma bella escolha de peças.

Mas por falta de reclame, o que é sempre necessario, tambem a concorrência foi bastante precaria, estando apenas meia sala.

Fallaremos agora dos concertos da Banda da Guarda, e do sextetto.

Como todos os annos, a Banda executa todas as tardes magnificos programmas, sendo sempre muito applaudido o maestro Taborda, que conta aqui grandes sympathias.

Ainda que este anno os programmas não offercessem muitas novidades, a não ser em algumas zarzuellas, em todo o caso a *Tosca*, *Cavalleria*, *Palhaços*, *Mefistofeles*, *Huguenotes* e *Gioconda* foram as phantasias mais applaudidas. Estes concertos terminaram este anno no dia 20, primeira vez que isto acontece! O Dr. Cymbron, director do hospital, ainda foi a Lisboa, mas nada conseguiu! Isto causou um grande descontentamento nos banhistas, ouvindo-se algumas censuras merecidas.

Fallaremos agora do sextetto do Club, que em Lisboa trabalhou no *Salão Central*.

Posso-lhe garantir que foi o *clou* da estação caldense.

Fazem parte d'este grupo artistico os seguintes artistas: Luiz Barbosa, João Passos, Carlos Ferreira, Victor Antunes, Diogo Silva e Vasco de Macedo.

Todas as noites os concertos eram muito concorridos e os programmas feitos com o maximo criterio, havendo sólos de violino e violoncello em que Luiz Barbosa e João Passos eram sempre muito applaudidos.

Agora os concertos tem sido de dia, depois que a Banda se retirou para Lisboa.

As phantasias d'operas que mais agradaram foram: *Lohengrin*, *Tannhauser*, *Mestres Cantores*, *Rienzi*, *Tristão e Isolda*, *Walkiria*, *Wally*, *Traviata*, *Fausto*, *Trovador*, *Manon*, *Werther*, *Favorita*, *Palhaços*, *Cavalleria*, *Butterfly*, *Tosca*, *Lombardos* (com o solo de violino), *Poliuto*, *Lucia*, *Dinorah*, *Martha*, etc.

Tambem alcançaram grandes applausos, a *Rhapsodia* de Liszt, *Folha d'Album* de Wagner, *Scenas Pitorescas* de Massenet, algumas *suites* francezas, a *Cleopatra* de Mancinelli, e um grande numero de obras classicas.

A festa artistica do sextetto realisou-se no *Salão da Convalescença* com uma enchente á cunha, completando o programma alguns amadores.

Estes distinctos artistas que deixaram aqui um grande numero de sympathias, voltarão para o anno, visto estarem já contractados.

E nada mais lhe tenho a dizer sob o ponto de vista artistico.

E agora até Lisboa.

Caldas, 27-9-1910.

Seu sincero amigo.

A. SACAVEM.



No proximo dia 3, abrem os srs. Sebastião e João Devecchi Neves um curso de Piano, na sua residencia (Rua Coelho da Rocha, 18, 1.º). Recommendamos vivamente estes artistas, antigos discipulos de Hernani Braga e Rey Colaço, e distinctos concertistas, de que a nossa revista se tem varias vezes occupado com o merecido elegio.

*

Já recebemos o elenco das representações de Bayreuth, que hão de ter lugar de 22 de julho a 20 de agosto do proximo anno.

Além do *Annel*, cantar-se-ha o *Parsifal* e os *Mestres Cantores*.

As condições e preços são as do costume.

*

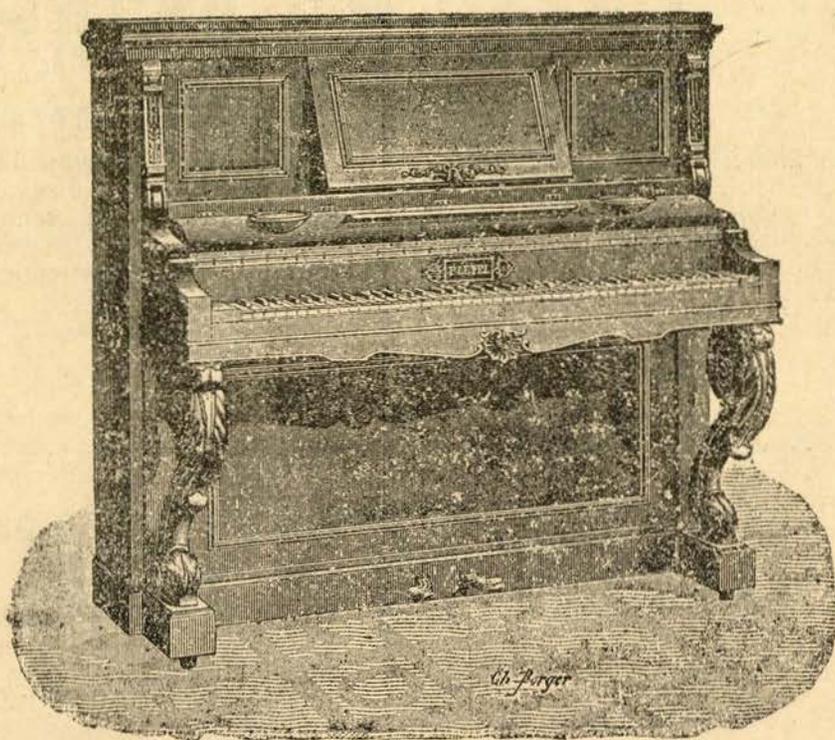
Graças á amabilidade da direcção dos concertos de San Sebastian, temos á vista os programmas dos admiraveis concertos, organisados durante o mez de setembro no Casino d'aquella praia, pela orchestra Arbós.

Distinguiram-se como solistas, Germaine Arnaud, Tomasito Terán e Harold Bauer (pianistas), Marguerite Herleroy, Mary Maryni e Alice Daumas (cantoras), a violinista Dorothy de Vin e o violoncellista Pablo Casals.

Nos *Concertos Classicos*, em que brilhou exclusivamente a orchestra dirigida pelo eminente Arbós, salientaram-se as symphonias de Tschaikowski (4.ª), de Beethoven (8.ª), de Cesar Franck (em *ré menor*) e as *Impressions d'Italie* de Charpentier, a *Jeu-nesse d'Hercule* de Saint-Saëns, fragmentos de Wagner, etc.

Pleyel Lyon & C.^{ie}

Grande fabrica de pianos e harpas
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(Systema Lyon privilegiado)

* PIANO DUPLO PLEYEL *

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) na exposição de Paris — 1900

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

ARTHUR GOTTSCHALK

ENGENHEIRO

Rua de S. Paulo, 103, 1.º

Telephone, 821

Installações electricas

DYNAMOS & MOTORES

ORÇAMENTOS GRATIS

* **A. HARTRODT** *

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES : HAMBURGO e LONDRES

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas a quem as sollicitar ao seu agente em Portugal :

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA

GAVEAU Grande Fabrica
DE
PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie — PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas (1888)

Grand Prix: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
x x pianos d'esta reputada fabrica x x

Professores de musica

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua das Gaiotas, 20 C, 1.º E.</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano. <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48.</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim. <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Amelia Cunha , professora de piano, <i>R. Sousa Martins, 8, 1.º E.</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Arthur Trindade , professor de canto, <i>R. Barata Salgueiro, 11, 1.º</i>
Carlos A. Tavares d'Andrade , prof. de piano, <i>P. do Tijolo, 52, 4.º E. (á R. D. Pedro V).</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 12, C., 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Eugenia Mantelli , professora de canto e piano, <i>Rua de S. Roque, 84, 2.º</i>
Flora J. Nazareth e Silva , professora de piano, <i>R. N. do Loureiro, 12, 1.º D.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>
Gertrudes Maria de Barros , prof. de piano, <i>Estrada de Sacavem, 42, r/c. D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 2.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Marçal, 104, 3.º E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa